


INSTITUTO

Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte: DOU, 159, 51
 Data: 18/08/04 Pg 71-4
 Class: JPD 00002

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHOS DO PRESIDENTE
Em 17 de agosto de 2004

Nº 82 - O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/2670/98, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria da antropóloga MARIA DE FÁTIMA CAMPELO BRITO que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena LAGOA ENCANTADA de ocupação do grupo tribal Jenipapo-Kaninde, localizada no município de Aquiraz, Estado do Ceará.
2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Ceará, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.
3. Determinar que a publicação referida no item acima seja afixada na sede da Prefeitura Municipal da situação do imóvel.

ANEXO

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA LAGOA ENCANTADA

Referência: Processo FUNAI/BSB nº 2670/98. Terra Indígena: Lagoa Encantada. Superfície: 1.731 ha. Perímetro: 20 km. Localização: Município de Aquiraz, Estado do Ceará. Sociedade Indígena: Jenipapo-Kanindé. População: 78 famílias, 47 dentro da TI e 31 fora dela. Grupo Técnico constituído pela Portaria 1093/PRES/97 (DOU de 28/10/97), coordenado pela antropóloga Maria de Fátima Campelo Brito.

I - DADOS GERAIS - O relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Lagoa Encantada foi apresentado como produto final das atividades do Grupo Técnico (GT), constituído pela Portaria da FUNAI nº 1093/PRES/97 de 24/10/97, complementada pelas Portarias de números 1279/PRES/97 de 03/12/97; 1335/PRES/97 de 17/12/97; 38/PRES/00 de 31/01/00, 459/PRES/01 de 23/05/01, 310/PRES de 16/04/02, publicadas respectivamente no Diário Oficial da União em 20/10/97, 05/12/97, 19/12/97, 02/02/00 e 06/06/01.

O Grupo Técnico foi composto por: Maria de Fátima Campelo Brito, Antropóloga FUNAI/AER/Recife - Coordenadora; Joani Silvana Capiberibe de Lyra, Socióloga FUNAI/ DEID/DAF; Soraya Campos de Almeida Assis, Historiadora FUNAI/DEID/DAF; Renato Eduardo Pereira D'Alencar, Engenheiro Agrimensor FUNAI/DEM/DAF, Marcelo Antônio Elihimas, Engenheiro Agrônomo FUNAI/AER/Maceió; Talwany Carlos Gregório, Técnico Agrícola FUNAI/AER/Maceió; José Wellington de Oliveira Gurgel, Engenheiro Agrônomo INCRA/CE; e Francisco das Chagas de Vasconcelos Araújo, Engenheiro Agrônomo IDACE/CE.

O Relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Lagoa Encantada contou como suporte legal normas oficiais específicas ao procedimento de regularização fundiária de terras indígenas, a saber: o Decreto 1775 de 08/01/96, a Portaria 14/MI/96 de 09/01/96, o art. 231 da Constituição Federal e a Lei 6001 de 19/12/73.

É importante ressaltar que o processo de identificação e delimitação da TI Jenipapo Kanindé foi um processo árduo, que necessitou da participação e colaboração de toda comunidade indígena em diferentes etapas de trabalho de campo. O grupo tem uma liderança feminina, a Cacique Pequena, que vem atendendo às expectativas da Comunidade Indígena.

Os índios Jenipapo Kanindé apresentam preocupações quanto à proteção de seu território devido à entrada de não-índios na região Lagoa Encantada, atraídos pela beleza do lugar. Esses turistas, na maioria das vezes, poluem as águas da Lagoa, além de incentivar os índios ao vício de bebidas alcoólicas. Apesar de a FUNAI já ter iniciado o processo de reconhecimento da terra indígena, o quadro fundiário se mostrava bastante complicado face à tentativa de construção do complexo turístico Aquiraz Resort, empreendimento este que contava com o apoio político local, e que incide em terra indígena, gerando denúncias e apreensão por parte dos índios.

1.1 - Caracterização da Terra Indígena - A terra ocupada tradicionalmente por estes índios tem extensão de 1.731 ha e perímetro 20km, aproximadamente, estando inserida no município de Aquiraz, no Estado do Ceará. O local é conhecido na região como Lagoa Encantada, onde mora a maioria das famílias indígenas. Os índios Jenipapo Kanindé estão situados na área litorânea leste do município de Aquiraz. Seus limites são: ao norte Fortaleza; a noroeste Messejana; a oeste Pacatuba, ao sul Pacajus; a sudeste Cascavel; a leste e nordeste o Oceano Atlântico. As duas vias principais de acesso a Aquiraz são a BR 116 e a CE 004" (Bezerra e Sousa; 1997:6). A TI Lagoa Encantada dista uns 21 km de Aquiraz. A distância da TI Lagoa Encantada até Fortaleza é estimada em 51 km. Hoje o acesso à TI Lagoa Encantada (partindo da entrada para a praia do Iguape) é

por estrada de terra, passando pelo povoado do Trairussú, onde há concentração de residências de índios e não-índios. A estrada segue até a Lagoa da Encantada.

Esta TI Lagoa Encantada, assim como outras do estado cearense, estão jurisdicionadas à Administração Executiva Regional da FUNAI em João Pessoa. No início de 2001, o Posto Indígena Tapeba, até então o único do Ceará, transformou-se em Núcleo de Apoio e tinha a finalidade de atender a todos os índios daquele estado. Com a implantação do Núcleo, houve incremento na equipe de funcionários para atender aos índios do Ceará, desta feita, incluindo os Jenipapo Kanindé. Este Núcleo está instalado no município de Caucaia, Bairro do Centro, a 15km de Fortaleza e, aproximadamente a 60 km da TI, ora Identificada e Delimitada.

1.2 - Caracterização do Grupo Indígena - As notícias atuais, sobre os índios habitantes da Lagoa Encantada foram publicadas em 19/02/84 no Jornal de Fortaleza, "O Povo". A reportagem informava a existência de índios que habitavam a localidade Lagoa da Encantada no município de Aquiraz, a partir de dados levantados por uma pesquisa realizada pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, no período de set/81 a dez/82 e coordenada pelo Núcleo de Geografia Aplicada do Departamento de Geociências - NUGA.

Segundo esta pesquisa, a comunidade que habita na Lagoa Encantada possui "uma herança cultural indígena, possivelmente de grupo dos Tapuios, da Tribo dos Paiacus". (NUGA, 1983:568 in Assis, 1998: 20) O Prof. José Cordeiro, participando de levantamentos realizados sob os auspícios da Arquidiocese de Fortaleza, foi um dos interessados em pesquisar a etno-história desses índios, identificando-os como descendente dos Jenipapo-Kanindé. Uma hipótese, baseada no livro "Os Aborígenes do Ceará", explica que os Jenipapo Kanindé são remanescentes dos índios Baiacus, também chamados Paiacú. Mas, conforme o relatório histórico-documental, descendem dos Jenipapo, Kanindé e Paiakú. O etnônimo por eles incorporado e pelo qual são conhecidos pelos regionais é "Cabeludos da Encantada". As conclusões das pesquisas do Prof José Cordeiro em torno da definição do etnônimo Jenipapo-Kanindé foi assumida em sua totalidade por esta comunidade. Para eles, hoje, "Paiacu, Cabeludos da Encantada ou Jenipapo-Kanindé é a mesma coisa", assim falou a Cacique Dona Pequena.

Provavelmente sua língua originária tenha sido a "Tairariú que, com o aldeamento dos mesmos, foi substituída pelo tupi. A língua tupi era o caminho mais próximo para chegar ao português, mas com o passar do tempo até mesmo o tupi foi se perdendo". (Lyra; 1998:26 e 27) Atualmente os Jenipapo Kanindé só falam o português. Este foi o resultado das perseguições, confrontos e a imposição de valores externos, na época da colonização brasileira, que interrompeu a tradição linguística desses índios, assim como a de muitos grupos indígenas do Nordeste.

1.3 - História das Migrações - Na história oral, os índios apontam para o século passado, a chegada de índios, provavelmente Paiacú, em áreas isoladas na região da Lagoa Encantada. Houve também um fluxo migratório dos Jenipapo Kanindé para a mesma localidade: "Os mais antigos, a minha mãe sempre dizia que o bisavô dela chegou aqui na era dos três oito (ano de 1888). Meu avô, por parte do papai, já nasceu aqui nesse lugar. Os da parte do meu pai se abarrancaram no Riacho. A parte da minha mãe se abarrancou aqui na Encantada, moraram e hoje em dia ainda vivemos nós. Meu pai dizia que os avós dele tinham vindo de Baturité" (Cacique Pequena - 09/11/97 in Assis:41-42).

A memória indígena e a não-indígena registram a chegada das primeiras famílias dos Jenipapo-Kanindé ao local onde na atualidade se encontram seus descendentes, seguindo-se posteriormente outros parentes que aos poucos foram ali se reunindo e formando a atual comunidade. O consenso em torno de um território Jenipapo Kanindé compartilhado foi se formando ao longo da convivência dessas famílias inter-relacionadas em termos consanguíneos e através de casamentos.

A tradição oral e os registros escritos descrevem as migrações dos índios Paiacú, Jenipapo e Kanindé indicando seus deslocamentos e a chegada à região de Lagoa Encantada. "No entanto", como assevera a historiadora do GT, Soraya Assis, "é importante assinalar que as hipóteses levantadas em relação à origem étnica deste grupo indígena (e respectivos deslocamentos) não invalidam a questão da ocupação tradicional do mesmo, na localidade da Lagoa da Encantada. Por meio dos depoimentos, tanto dos índios, quanto de pessoas circunvizinhas, contatadas pelo grupo técnico, sobre a sua relação com a comunidade indígena, caracterizou-se o modo tradicional dos índios ocuparem e utilizarem suas terras, demonstrando a forma de se relacionarem, de produzirem e de exercerem o seu modo de ser". (Assis; 1998:37-38)

Essa historiadora desenvolve hipóteses relativas à dispersão dos Paiacú, Jenipapo e Kanindé: "1. Após a transferência para Messejana, houve o movimento de retorno ao aldeamento de Montemor o Velho, dos índios Paiacú, os quais, no entanto, resolveram ocupar a região da Lagoa da Encantada, uma vez que esta localidade é próxima a Messejana, em torno de 30 km (linha reta). Neste movimento de retorno às suas terras, algumas famílias das etnias Jenipapo-Kanindé também puderam ter acompanhado os Paiacú, considerando-se a possibilidade de já os ter acompanhado anteriormente, quando os habitantes da Vila de Montemor o Novo d'América, local de aldeamento dos Jenipapo-Kanindé, exigiam a transferência dos índios para Messejana, em torno de 1929; 2. A possibilidade de alguns Paiacú do aldeamento de Montemor o Velho terem resolvido migrar, em função, talvez, da situação desfavorável de suas terras, é considerável, uma vez que a distância entre essas duas localidades é pequena cerca de 38,6 km entre a igreja de Nossa Senhora da Conceição, pertencente ao aldeamento de Montemor o Velho (cidade de Pacajus) e a Lagoa do Tapuio, a qual está localizada próxima à Lagoa da Encantada, constituindo parte integrante do atual território reivindicado pelo grupo indígena Jenipapo Kanindé; e, 3. Apesar da distância aproximada

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte DOU, 159

Data 18/08/04 Pg 71

Class. SPD00002

de 100 km (linha reta), algumas famílias de índios, originárias da Vila de Montemor o novo d'América, antigo aldeamento Jenipapo-Kanindé, também poderiam ter se deslocado para a região da Lagoa da Encantada, talvez, em função da repressão exercida pelo Estado, impedindo aos índios da exploração regular do seu território" (1998: 38-39).

A realidade hoje encontrada é de que se estabeleceu a ocupação da comunidade Jenipapo Kanindé com suas casas em torno da Lagoa Encantada e áreas próximas como Riacho e Trairussú, onde há pesca, mariscagem e formação de roçados. Isso demonstra que esses índios tiveram suas bases de ocupação caracterizadas pelo meio de subsistência, orientando sua organização social e distribuição espacial.


1.4 - Histórico de Ocupação da Área de Acordo com a Memória do Grupo Étnico Envolvido - Para os Jenipapo Kanindé, a memória indígena está bem viva, pelo que vem sendo repassado através dos mais velhos e com certeza estará presente entre as novas gerações. Assim verificamos através dos relatos: "Quando o povo (os tronco velho) do meu pai chegou no Riacho já encontrou os Pixinga (Francisco). Já moravam aqui, Chico Alves, a família Alves é tudo parente, morando próximo do Trairussú. A terra desse pessoal passa da ponte do Trairussú, é a terra dos Alves e vai até a Ponta da Encantada. E na ponta da Encantada também tem uma casa do João Pixinga morou, nasceu e se criou na ponta da Encantada. A área é toda indígena até o Tapuio. O motivo que minha mãe saiu do Riacho foi uma epidemia, doença muito forte. Ela era mãe de 12 filhos e só escapou três filhos. O último, quando ele tinha três dias de nascido, morreu. Aí, ela falou para comadre Nenê:- Vou me embora daqui, porque se eu não sair daqui a gente não cria filho nosso. Doença que dá no povo, a pessoa morre de uma hora para outra e foi em 1947 que ela veio, no ano que eu nasci. Ela dizia que foi uma doença braba. Hoje o povo chama catapora. E naquele tempo se chamava bexiga. Outras famílias também saíram, foram embora pelas beiradas da cidade e não regressaram mais, tios, tias, primos, parentes que moram hoje na cidade". (Cacique Pequena -08/11/97)

A Ocupação da Lagoa Encantada por esta comunidade indígena também está presente na memória dos não-índios da região. É o que se pode observar no depoimento de D. Mariquinha que relata casos de quando sua mãe, D. Luiza (uma espécie de agente de saúde na época) ajudava os "Cabeludos da Encantada": "O que eu conto, assim, o meu esposo, que chegou aqui mais tempo do que nós e, o pai dele contavam desse pessoal mais velho, que pescava aí, nessa lagoa. Pescava de rede, pescava de anzol. Os índios pegavam peixe, pegavam peixe grande, naquele tempo; camorim, pacata, e o velho Chico Pixinga, bisavô do pai do marido da Pequena, era casado com uma tia minha. Tinha muito pescador aí. Viviam a botar roçado, viviam de tirar mel na mata, das abelhas; viviam dessas coisas assim; o irmão dele, Manoel Pixinga, Zé Pixinga, todos eles daí da aldeia da Encantada. E tinha muitos outros mais velhos, o Zé Simplício, com um cabelão grande, que a gente não via aqui naquele tempo homem cabeludo, com cabelo grande, não; via eles. Por isso é que o pessoal chamava os índios de Cabeludos da Encantada....Tenho uma lembrança pouca, de uns homens cabeludões, com cabelo grande, assim um pouco da feições grossas...As mulheres também eram do cabelo comprido. Tudo o que eles precisavam na Encantada era com a comadre Luiza. Curava doente e tudo. A mamãe que ia assistir ajudava no que precisava, não é? Eles vinham aqui pedir ajuda, qualquer coisa, novidades que eles quisessem lá, aí eles vinham. Eles gostavam de mandar rezar o terço, festejando santo; a mamãe é que ia rezar lá na casa deles, quando ele ia fazer farinha nos convidava pra ir pra lá, fazia beijú, essas coisas".(Em 09.11.97)

Ainda, presente na memória dos índios e não-índios de outra geração a "compra de terras" pelos índios de uma senhora conhecida por Dona Anja, que seria a dona de tudo daquele lugar. O índio Francisco Sabino Alves (Chico Pixinga ou Chico Alves), representava e liderava o grupo, provavelmente associado ao fato de ter sido o primeiro a chegar na Encantada. Os índios, hoje, se referem a ele como "Tuxaua". Eles contam o episódio de quando Chico Pixinga chegou, estas terras "já possuíam uma dona" que possivelmente seria Ângela Vidal de Araújo - Dona Anjinha ou Dona Anja, sendo a ela que as primeiras famílias indígenas recorriam a fim de conseguir um pedaço de terra para se instalar. Em troca do consentimento, os índios davam, como forma de pagamento, uma "carrada" de mandioca, equivalente a 10 ou 15 carros de boi.

1.3-Histórico Bibliográfico e Documental - A Cacique Pequena fez "referência aos seus antecessores como oriundos de Baturité, localidade que, durante o período da Colônia e Império, foi um aldeamento dos índios Jenipapo-Kanindé" (Assis,1998:23).

Segundo Studart Filho, os caminhos históricos dos índios da Lagoa Encantada tiveram início em 1699. Em "Índios do Ceará & Topônimos - 1994" de Batista Aragão, há informações de que os Kanindé habitavam, primitivamente, as cabeceiras do Rio Banabufu, onde mantinham várias aldeias. Eles foram vítimas de guerra contra os colonos, em 1721, quando defendiam seu território. Ao buscarem apoio junto à igreja, a defesa foi desrespeitada pelos militares do governo. O rei de Portugal, quando tomou conhecimento do que tinha acontecido, ordenou em Carta Régia de 16 de outubro de 1722, que o Governador de Pernambuco, restituísse a liberdade dos índios. Em 1731, os Kanindé, pediram ao Governador de Pernambuco um missionário e a permissão para se aldearem nas cabeceiras do rio Choró, na passagem do que chamavam Muxió, e este concedeu em março do mesmo ano. Os Jenipapo habitavam primitivamente os sertões do Alto Curu e dos rios Banabuiú e Quixeramobim, mas, devido às suas incursões guerreiras contra os brancos em que contaram com o apoio dos índios Icós e Quixarirús, foram mandados para o Piauí, em 1726. Entretanto, não atendendo as ordens do capitão-mor, em março de 1727, tropas constituídas por índios Kanindé e Paiaçu foram enviadas para exterminar todos os índios que estivessem localizados na Ribeira do Jaguaribe até os limites com o Piauí.

INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	DOU, 159, S1
Data	12/08/04 Pg 71-2
Class.	>PDPφφφφ 2

Assim como os Kanindé pediram para serem aldeados, os Jenipapo também o fizeram em 21 de outubro de 1739. O Governador mandou que esses índios fossem aldeados no Sítio Banabuiú, distrito de Jaguaribe, junto aos demais Kanindé ali existentes, por terem a mesma língua e serem aparentados. "Segundo Bezerra, (1918), os tapuias foram removidos para o sítio conhecido como Aldeia Velha, no município de Limociro, e, provavelmente, mais tarde, levados para a Serra da Palma, ao sul da bacia do açude do Cedro, no município de Quixadá. A missão da Palma, ou de Nossa Senhora da Palma, como era conhecido o aldeamento dos Kanindé e Jenipapo, foi transferida para a Serra de Baturité, sendo elevada à categoria de Vila, em 14 de abril de 1764, sob o nome de Montemor, o Novo d'América, e, em 1858, cidade de Baturité". (Assis,1998:28)

Segundo as pesquisas históricas, os Paiacu (ou Pacajú) habitavam as regiões compreendidas entre o rio Açú, a Serra do Apodi e grande parte da ribeira do Jaguaribe. Eram inimigos de muitos grupos indígenas, entre eles os Potiguara e Jaguaribara. Chegavam até bem perto de Fortaleza em expedições de guerra e saque, acometendo os índios mansos que residiam ali. Em 1666, foi a primeira rebelião, insurgindo os Paiacu contra os índios aldeados na Porangaba, não teve sucesso, mas, as ordens para puni-los foram severas submetendo-os pela rendição ou extermínio. Assim ocorreram espaços de tréguas e repetição de hostilidades. O Capitão-mor Jorge Correia da Silva decidiu, em 1671, pelo bem do sossego e paz da Capitania, fazer guerra de extermínio aos Paiacú. As perdas sofridas e o enfraquecimento desses índios fizeram com que eles solicitassem um tratado de paz em 1672, o Capitão-mor atendeu, mas os Paiacú não permaneceram tranquilos por muito tempo. Em 1688 houve novos ataques. Apesar das providências de defesa deliberando o combate por meio de ordenanças de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, também com ajuda dos paulistas, os Paiacú continuavam em guerra contra os colonos do Ceará e Rio Grande do Norte. Os Paiacú se aliaram aos índios Icó e Jandoin e, em 1694, promoveram um confronto mais organizado, quase aniquilando os colonos instalados nas margens dos rios Jaguaribe e Banabuiú. Só após 30 anos de luta é que aconteceu o aldeamento dos Paiacú em 1696, "perto do Aracati, no lugar chamado Araré pelo Padre João da Costa".

Por volta de 1765, os índios Paiacú "andavam errantes e dispersos pelas margens do rio Choró. Foram mandados aldear na Vila de Montemor, o Novo, aldeamento dos índios Jenipapo Kanindé, conforme determinação expressa do governador Borges da Fonseca. Por volta de 1818 residiam ainda em Monte-mór, no Novo d'América (atual cidade de Baturité), "índios Paiacú de raça pura" (Stuart Filho,1931:70 in Assis, 1998:32). A chegada desses índios à Vila de Montemor o Novo d'América, provocou desagrado aos moradores da vila, exigindo das autoridades a transferência dos Paiacú para Messecjana em 1829. Mesmo com as ordens de mudança, muitos índios continuaram morando nas terras pertencentes à antiga missão. Como se constata nos estudos do "historiador Antônio Bezerra, quando em 11 de novembro de 1891, o capitão-mor dos índios Paiacú, Manuel Baptista dos Santos, lhe pediu proteção"(Assis, 1998: 33).

É notório o sofrimento desses grupos étnicos à procura de um local onde pudessem ficar protegidos. É provável que a descoberta da Lagoa Encantada com suas matas fosse o refúgio, onde ficariam preservados por um tempo. Porém a descoberta dessa comunidade foi uma ação positiva para que os Jenipapo Kanindé tomassem conhecimento de seus direitos como índios brasileiros, garantidos pela Constituição Federal.

1.4 - Identificação de Cisões e os Critérios Casuais, Temporais e Espaciais - Desde os primeiros tempos destes índios, na Lagoa da Encantada, tinham como seu representante político, Francisco Sabino Alves, o Chico "Pixinga" (ou Chico Alves). O velho Chico Pixinga desenvolvia uma política de organização interna, reconhecida e respeitada por todos. O seu substituto foi o Sr. Odorico, Teodorico Mateus Pereira, marido da índia Dona Do Carmo. Atualmente, a Cacique Pequena assume o cargo desde a década de 90.

Nota-se que há uma linhagem de liderança política vivida pela comunidade desde os primeiros tempos. Arruti (1995), abordando a questão das lideranças dos grupos indígenas emergentes, conclui que "o fato de reportar-se a uma liderança parece dar sustentação histórica a uma reivindicação contemporânea. A liderança, efetiva ou ideal, ao tempo em que permite fazer laços genealógicos, próprios dos troncos antigos, também funciona como um atestado da organicidade do grupo, da qual é bom testemunhar a referência a um "chefe velho" (in Assis:1998,43). Muitos índios comentam que o Sr. Odorico (Teodorico), primo do Tuxaua Chico Pixinga, sempre assumiu sua identidade étnica, e ficou representando o grupo desde a morte do Tuxaua até 1987; ele sabia das danças, era um bom dançarino, sabia das brincadeiras, ia à Fortaleza apresentar a cultura do seu povo. Em continuação, o grupo ficou sendo representado pela Pequena.

Parte da organização política vivenciada hoje, pelo grupo indígena, originou-se também das experiências com a associação composta por índios e não-índios, a ASCOTET - Associação Comunitária de Trairussú, Encantada e Tapuia. O apoio dos não-índios no reconhecimento dos Jenipapo Kanindé foi muito importante. Esta Associação foi fundada em 07/01/91. Seu objetivo inicial foi unir e zelar pelo bem-estar das populações indígenas e não indígenas das três comunidades acima mencionadas.

Outro aspecto que se deve ressaltar, sobre a organização da comunidade indígena é o contato com outros índios. Estes encontros são organizados na esfera estadual através de Assembléias Indígenas. Esta mobilização permite o apoio aos grupos emergentes visando a sua re-afirmação cultural enquanto povos indígenas. A terceira Assembléia Geral dos Povos Indígenas do Estado no Ceará aconteceu na Lagoa Encantada nos dias 26, 27 e 28 de novembro de 1997.

O Pajé, para os Jenipapo Kanindé, tem um valor vinculado à saúde de todos. Atualmente, tal papel é exercido pelo índio curador João do Laú, primo do Sr. Chiquinho e reside fora da Terra Indígena,

no Novo Iguape. Os problemas de saúde desses índios, antigamente eram tratados com ervas medicinais. A Dona Do Carmo, esposa do Sr. Teodorico (Líder da comunidade antes da Cacique Pequena), era a parteira do lugar. Atualmente, outras índias estão aprendendo a ser parteiras. Uma delas é a filha da Cacique Conceição. Esta nos contou que participa da reunião sobre a saúde indígena promovida pela Fundação Nacional de Saúde - FUNASA.

A estrutura política hoje vivenciada pelos índios tem a participação da Cacique Pequena e o Vice-Cacique Zé Maria. Os assuntos da Comunidade também são tratados pelo Conselho Indígena com a participação de outros componentes da comunidade. Este Conselho foi organizado durante o desmembramento dos Jenipapo Kanindé da Associação Comunitária composta por índios e não-índios em 1999. A Cacique Pequena reconhece o apoio da Associação na luta de seu povo, mas entende que é chegada o momento de caminharem separadamente, índios e não-índios, razão pela qual formou-se o Conselho Indígena em 21/04/99.

II - HABITAÇÃO PERMANENTE - A população indígena censada pelo GT compreende 218 índios desta etnia, distribuídos em 78 famílias, das quais 47 vivem dentro da terra indígena em torno da Lagoa Encantada (aldeia-sede) e algumas poucas em Trairussú e Iguape. As 31 famílias que se encontram fora da terra estão espalhadas por Fortaleza, Barro Preto, Novo Iguape, Pindoretama, Taperá, Presídio e Cascavel. Destaque-se que as famílias indígenas, que ainda residem fora do território indígena, foram em busca de melhores condições de vida. Esta população indígena que se encontra fora da terra indígena foi registrada no relatório do GT para reforçar o desejo da comunidade Jenipapo Kanindé de que seus familiares retornem à terra indígena tão logo esteja regularizada pela FUNAI.

A maioria dos Jenipapo Kanindé, 40 famílias concentram-se na aldeia sede, no local conhecido por Lagoa da Encantada, 4 famílias vivem em um trecho do povoado de Trairussú, e 3 famílias moram do outro lado da Lagoa da Encantada. Na aldeia-sede, há maior concentração de casas circundadas por mangueiras, ou como dizem "o mangueiro". Há também uma escola, a casa da Cacique, a casa de Farinha, que também serve como local de reuniões, além de bodegas. As famílias Jenipapo Kanindé possuem núcleo familiar básico, composto por pai, mãe e filhos e que também podem ser ampliados com a presença dos pais, filhos casados, noras, genros, netos, sogros, tios e irmãos, etc. Os chefes de famílias, na sua maioria, são do sexo masculino. As habitações dos índios são simples, geralmente feitas de taipa, palha, galhos e troncos de árvores e fibras.

III - ATIVIDADES PRODUTIVAS - A comunidade Jenipapo Kanindé da TI Lagoa Encantada vive de pequena agricultura, com plantio de feijão de corda, mandioca e batata-doce. Os índios também pescam na Lagoa Encantada, garantindo a complementação de sua dieta alimentar: "O Tuxaua pescava, caçava, trabalhava na roça no Barro Preto e Marisco. Lá era bom de peixe, ostra. Os índios daqui da Encantada era pegando siri e vendendo em Pindoretama. Hoje não existe mais siri porque está tudo seco, acabou o meio de vida do povo" (Sr. Chiquinho, marido da Cacique Pequena). As safras de manga e caju são importantes para alimentação e geradoras de renda quando comercializadas. O cajueiro é vegetação nativa da região, há também árvores cultivadas. Como consta nas informações indígenas, na época do caju, ninguém passa fome, pois é aproveitado tudo: "Na época do caju, não se passa necessidade, todos trabalham. Ajuntando castanha, os homens, mulheres e até criança de 2 anos(...).Do caju se faz mocoaró, a cajuína, se tem a castanha que se vende, faz o caju seco, doce de caju, cle ripado (esmagado), só o sumo para fazer o doce, faz o mel do caju, é só para uso. Também faz o bife do caju(...).O mocoaró é do caju. O sol é que curte ele. É curtido no sol. É só o sumo do caju nem água pode levar se não fica azedo. Depois de pronto leva para vender no Iguape. Também é vendida a cajuína feita do caju doce fervido no fogo (Sr. Chiquinho - marido da Cacique Pequena)

As mangueiras são encontradas em grande quantidade, são disseminadas de forma não proposital por pessoas e animais. Os coqueiros, apesar da grande quantidade, ainda são pouco explorados pela comunidade. O murici, oriundo da flora nativa, é explorado e usado para alimento e comercialização.

Para o plantio de hortaliça, os índios utilizam um sistema de canteiros suspensos. Segundo o Engenheiro Agrônomo do GT: "São as seguintes as vantagens do sistema: O substrato colocado é bem mais fértil que o solo local; economiza-se água de irrigação e consequentemente combustível; os tratamentos culturais são facilitados e reduz bastante o ataque por saúvas. A desvantagem é a pequena durabilidade das estruturas". (Elihimas, 1998)

Um dos grandes problemas enfrentados pela comunidade é a retirada d'água da lagoa e o derrame de vinhoto pela YPIOCA (Indústria Produtora de Aguardente de Cana). Muitas são as denúncias dos índios sobre este problema. As atividades produtivas adaptadas aos ecossistemas locais, referentes à agropecuária, direcionam-se à exploração racional da fruticultura: caju, coco e manga. Referente a agro-indústria, seria "o plantio comercial de cajueiros, viabilizando mais ainda o processo de industrialização. O pseudo-fruto do cajueiro também pode ser industrializado, visando obter sucos, doces e bebida não-alcoólica (cajuína)". Quanto à produção de mandioca sugere a instalação de casas de farinha mais modernas, visando obter farinha de melhor qualidade.

As recomendações do nosso Engenheiro quanto a interação equilibrada do meio-ambiente com as atividades produtivas, são feitas no sentido de que haja preocupação em preservar uma parte da terra para a regeneração da vegetação nativa, tendo cuidado especial com os espelhos d'água, e evitando assoreamento e contaminação com defensivos e adubos. Quanto à pesca, os índios já estão evitando o uso de redes com malhas pequenas. "As atividades produtivas a serem desenvolvidas na Terra Indígena Lagoa Encantada devem ser planejadas sempre tendo em mente o fato de estar inserida num ecossistema frágil e ao mesmo tempo complexo, montado sobre um

solo pobre e desestruturado, e possuindo lagoas que podem facilmente ser contaminadas e assoreadas. A pobreza em que vive o índio Jenipapo Kanindé torna urgente a tomada de medidas visando o incremento da produção; inclusive, antes mesmo da desintrusão de algumas glebas sob domínio dos índios". (Elihimas, 1998)

A casa de farinha, inaugurada em 11/11/00, tem contribuído para melhor produção de farinha. O trabalho é executado em forma de mutirão, onde homens, mulheres e crianças colaboram nas tarefas, totalizando em média oito pessoas.

IV - MEIO AMBIENTE - Para a elaboração deste item, o Engenheiro Marcelo Elihimas, além de outras referências bibliográficas utilizadas, destacou a pesquisa da NUGA (Núcleo de Geografia aplicada da Universidade Estadual do Ceará). - "Contribuição ao Estudo Integrado da Paisagem e dos Ecossistemas da água do Município de Aquiraz - Ceará". A TI Lagoa Encantada está situada no Município de Aquiraz, na 1ª Região Administrativa do Ceará, distante 29 km de Fortaleza. As praias do Iguape, Presídio e Barro Preto ficam próximas. O Morro do Urubu é um ponto de referência que está localizado, praticamente, no centro da terra indígena.

A região possui clima tropical do tipo semi-árido, apresentando duas estações bem definidas, chuvosa e não chuvosa. "Em média chove 1.379,9 mm/ano, tendo sido, entretanto, observadas anomalias tais como anos secos, com 924,8 mm e anos mais chuvosos, quando caíram até 2.304,7 mm de chuva. A média de temperaturas máximas é de 36° e de mínimas é de 28°". (Elihimas, 1998) A predominância é de terras planas, com ocorrência de dunas. Os cursos d'água são representados pelas Lagoas da Encantada, do Marisco (próxima ao mar) e do Tapuio, além dos riachos ou córregos, como o Trairussú, o da Encantada; o do Tapuio e o das Basias. Só nas margens d'água, observa-se solo fértil, arenoso e úmido; nas demais localidades, o solo é seco e de baixa fertilidade. A vegetação apresenta-se do tipo caatinga, classificada como Savana Estépica Arborizada, predominando o pau-ferro. São encontrados cajueiros, jatobá, batiputá, murici, mangueiras, e outros. Há poucos mamíferos, répteis e aves, podendo ser encontrando cassaco, tatupeba, raposa, tamanduá, mocó, rolinhas, juriti, codorna, nambú, mergulhãozinho, garça, teju, camaleão, jibóia, e outros. Segundo a tradição indígena, existe uma enorme cobra na Lagoa Encantada, possivelmente trata-se da "sucurijuba (Eunectes marinus), cuja ocorrência foi detectada pelo estudo da Universidade do Ceará". (Elihimas, 1998) Entre os demais répteis peçonhentos pode-se encontrar, principalmente, a cascavel, a jararaca e a jaracuçu. As espécies de peixes encontradas nas lagoas são camurim, sarapó, traíra, piaú entre outros.

A importância da relação dos índios com a Lagoa da Encantada se dá por diferentes razões, desde aspectos referentes ao simbolismo e imaginário do grupo, sobretudo, as suas atividades econômicas básicas para a sobrevivência. A grande preocupação da comunidade indígena é a retirada d'água feita para irrigação e o derrame de vinhoto, isso pela YPIOCA. "A interferência ao nível local desta empresa é tão grande que a mesma chegou a tentar fechar o riacho da Encantada a fim de elevar o nível da água na lagoa, independente do prejuízo que traria para os moradores à jusante do espelho d'água. Mas, foi impedida pelos índios". (Elihimas, 1998)

A estação de bombeamento fica dentro da Terra Indígena. Há também a retirada de água da Lagoa do Tapuio para consumo humano, pela prefeitura do município de Pindoretama. É interessante observar que os índios toleram a retirada d'água pela prefeitura e repudiam a YPIOCA. O derrame do vinhoto produzido pela YPIOCA na Lagoa provoca prejuízo para o ecossistema do lugar. "A história da poluição da Lagoa pelo vinhoto da fábrica Ypioca é antiga, e uma vez a gente colocou, em 93 ou 94 que foi comprovado que morreu muito peixe, tem muita destruição na água, e a lagoa ficou de uma maneira, que a água nunca mais foi a água que era antes. E eles diziam que suspendeu, que não colocam vinhoto, que não tem intenção de colocar vinhoto, mas que sempre a água é diferente, e não sabe quando é que ela fica limpa. É uma água esverdeada, dizem os moradores lá. Tem um cheiro, um odor diferente na água. Então, eu fiz um pedido pra vir aqui, pra ver de novo como estava essa causa, e ao IBAMA". (Zuleida não índia, Presidente da Associação - 09.11.97). A água da Lagoa Encantada ainda é de boa qualidade, porém se acontecerem novos derrames de vinhoto, poderá provocar danos irreparáveis, como também se aumentar a retirada de água para irrigação, pois esta afetará todo o sistema natural do lugar.

V - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL - Dificilmente pode-se falar hoje dos Jenipapo Kanindé sem se reportar ao mundo cosmológico que envolve a "Lagoa Encantada". Este mundo imaginário está, hoje muito presente nas narrativas, nas lendas. Os mais velhos não cansam de afirmar que na época do Natal e Ano Novo aparece "umas bonitezas" dentro d'água. Dizendo que é um navio grande, muito iluminado, com banda de música, descendo a Lagoa abaixo. Comentam também, sobre outros encantados da Lagoa, como um mourão de ferro banhado de ouro, um cordão de ouro que quando vai toca-lo, ele desaparece rapidamente logo depois, ficando só a areia branquinha. Dizem que se a pessoa chegar perto para apanhar, a "coisa" desaparece. Quanto ao Morro do Urubu, crêem que lá é uma igreja enterrada que, só aqueles que têm merecimento para tal, podem ver: "O pessoal contava muito que nesta Lagoa tinha um encanto, tinha e tem. Ela é encantada. Os antigos contavam, o papai já contava que o avô contou que esta Lagoa é vestida de água, mas ela é uma cidade. Este morro era uma igreja, só que é vestido de mata. Diz que tinha um navio bonito, todo iluminado que corria a lagoa todinha. As aparições do navio era a noite, muitos dos mais velhos viram, outros não viam. Na lagoa aparecia panela de ouro, de zinco grossa, eles viam e corriam com medo e desaparecia. O navio cheio de luz quem via sempre era o finado Odorico". (Cacique Pequena).

A seguir apresentamos a história do peixe arpadó: "Já passou uma notícia, uma vez que a Mãe D'água foi para Porto Velho. O pessoal novo não estão vendo nada. E essa lagoa tem dia que é fácil arrumar um almoço, mas tem dias que não dá nada. Nós já somos a

3a geração de índios da Lagoa Encantada e o Riacho. Pois bem, eles contavam que da 1a geração, que contavam para eles, a 2a geração. Tinha um rapaz por nome de Zé Antônio ou era Manuel João. Um dia ele veio buscar água na Lagoa e quando chegou, ofereceu-se um peixe na frente dele. Um peixeão monstruoso na frente dele. E ele pensou. - Como eu pego esse peixe para levar para casa? Então ele fez um modo arranhou uma arpa, arrou o peixe. E quando ele arrou o peixe, o peixe tomou a arpa da mão dele e foi embora. Aí ele pensou. - Perdi o peixe. Aí quando ele estava naquele pensamento, e já ia embora para casa, chegou uma moça, uma mulher perto dele muito bonita, os cabelos grandes e disse: - Eu vim buscar você para tirar a arpa do meu pai. Você não arrou um peixe. Você arrou o meu pai. E conversaram. Aí ela disse: - Monte na minha cacunda e eu levo você para tirar a arpa do pescoço do meu pai. Você arrou ele. E ele montou-se e ela disse: - Feche os olhos. Ele fechou. - Só abra quando eu falar: - Abra os olhos. Aí quando ela falou, ele abriu e estava numa casa mais linda do mundo. Aí, caminhou para lá. E quando ele chegou pra lá, o peixeão que ele tinha arpadado, não estava em forma de peixe. Estava numa pessoa, deitado na cama. Aí ela disse: - Você vai tirar a arpa do meu pai que você arrou. Aí ele foi trabalhar para tirar. E tirou. Ela disse: - Agora você vai ficar morando mais nós. Aí ele disse: - Vou não. Vou embora, porque nem minha mãe e nem meu pai sabe por onde eu ando. Ela disse: - Você quer ir embora eu deixo, mas tem uma coisa que lhe digo, você não vai pegar em fruta nenhuma. Aí levou ele para mostrar a lavoura deles, lá. Ele disse que viu muita coisa bonita, muita fruta. Ela disse: - Só que você não vai bulir em nenhuma fruta dessas. Por que se você bulir, ficar mais nós. Depois ela disse: Monte aqui. Ele montou na cacunda dela e ela disse: feche os olhos e ele fechou. Depois ela disse: Abra os olhos. E ele estava na beira da Lagoa. Esta estória é antiga. O rapaz era tio nosso da 2a geração. Depois que aconteceu isso com ele, passou um tempo ele foi amarelado, amarelado e morreu. Depois deste encontro que ele teve, se ele se encantou? ninguém sabe. No nosso entender ele voltou para morar onde está ela. Ela laçou a sombra dele. No que ela laçou ficou com a sombra dele para ela. Aí a sombra não pode voltar para o corpo e ele ficou mais ela. Qualquer encanto pode pegar a sombra. Se a pessoa não tiver no corpo segurança, pega. Onde tem água tem encanto." (Cacique Pequena).

A presença de símbolos do catolicismo na mitologia indígena, como a igreja (morro do Urubu), a missa no navio, etc. levantam a hipótese de uma provável vivência entre este grupo indígena e missionários católicos, devido a presença de aldeamentos missionários na região. Em épocas passadas, os índios demonstravam interesses por práticas de fé cristã e chamavam a Dona Luíza, de família não-indígena muito católica, que morava no Trairussú, para rezar orações católicas com eles. Os Jenipapo Kanindé ainda hoje festejam santos católicos (São João, Santa Luzia) e preservam as épocas da Quaresma, Semana Santa e Festas (Natal e Ano Novo).

A índia Dona Do Carmo nos informou que na Encantada não havia cemitério: "Aqui não tinha cemitério, quando as pessoas morriam eram enterradas em Cascavel ou em Aquiraz" (Dona Do Carmo - 02.12.97). A Cacique lembra que os mortos eram enterrados na rede, lá em Aquiraz ou Cascavel, também em Pindoretama: "Mãe já dizia que quando morria de doença braba Ipidimia, não se enterrava no cemitério. O Riacho era um lugar duentil, contam que quando escapava da doença a "maleita" (febre, frio e dor de cabeça), corria até cansar e chegando na raiz do pau grosso dizia: Fica-te aí maleita e não volta para mim". Atualmente os enterros acontecem no Iguape.

A riqueza da cultura material dos Jenipapo Kanindé, pode ser conferida nos utensílios, cestas, esteira, colares de sementes, confecção de redes para pescar, renda, as casas fabricadas com palha de coqueiro, etc. Nos relatos as índias são lembradas como boas rendeiras. Esta atividade no passado era um exemplo. Por um período, foi abandonada, sendo poucas mulheres ainda detinham essa prática, os argumentos se voltavam ao desaparecimento dos compradores. Mas, recentemente, outras índias também estão se dedicando ao trabalho. Esse material é comercializado no Iguape. Outro tipo de artesanato que vem sendo desenvolvido entre os Jenipapo Kanindé é o bordado em ponto de cruz e os colares de sementes de vatapá, linhão, búzios (encontrados na lagoa), entre outras. Mulheres, homens e crianças estão fazendo os colares que são vendidos em Fortaleza, Aquiraz, Iguape ou nos encontros indígenas. Da madeira Jenipapo Brabo, o índio Raimundo (Bão) confecciona bilro (para fazer renda) para consumo ou para venda em Pindoretama. Da madeira, eles fazem agulha de costurar tarrafa e flechas. O artesanato feito com fibras naturais tais como sacolas, chapéus, cadeiras, cestos são para uso doméstico. Todas as atividades que envolvem os costumes tradicionais da comunidade indígena estão sendo resgatadas e ensinadas às crianças na escola, e que dançam o Toré durante as festividades.

Da nossa etapa em junho/01, observamos a inclusão da pintura corporal entre os Jenipapo Kanindé, utilizando pigmentos vermelhos do urucum (Açafrão). A Cacique nos confirmou de que agora a Comunidade está mais firme e segura: "As pessoas estão na certeza de sua origem." Nas apresentações de dança ou comemoração do grupo, eles se pintam de vermelho com sementes de urucum desmanchada na água ou passando-as direto na pele.

VI - LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO - A realização do Levantamento Fundiário foi feita em algumas etapas de campo, levando a equipe responsável a apresentar mais de um relatório em complementação.

O relatório do Engenheiro Marcelo Elihimas, de 1998 indica que não foram preenchidos alguns laudos de vistorias e avaliação, devido alguns dos posseiros declararem que moram em terras de pessoas residentes em Fortaleza - CE, e que não sabiam os verdadeiros nomes dos "proprietários". Informaram também que tais pessoas dificilmente aparecem no local. Outra situação é o caso de algumas terras não apresentarem benfeitorias, demonstrando o não-uso da terra para morar ou explorar.

Para a empresa YPIOCA foi aberto um laudo, mas como os índios se mostraram bastante temerosos, toda a vistoria foi executada com muita descrição, sem que a direção da empresa fosse procurada. "Outra particularidade encontrada pelo GT foi o expressivo número de 'espólios', o que é justificado pelo baixíssimo rendimento agrícola das posses, que resulta em desinteresse pela divisão formal das mesmas. Nestes casos, todos os herdeiros têm o usufruto de alguma forma da posse, sem, no entanto, isto representar fonte importante de renda para algum deles". (Elihimas;1998)

Para o primeiro relatório, foram preenchidos 25 laudos, com 16 famílias num total de 63 pessoas não-índias. Devido às correções dos limites da Terra Indígena que foram solicitadas pela comunidade indígena, em 2000 (quando localizamos corretamente o Morro Calvo, e foi excluída a casa de um senhor conhecido por Dr. Cláudio), a área identificada e delimitada totalizou 1.731 ha, abrangendo a totalidade das lagoas do Tapuio e do Maricó. As informações para este item foram poucas, ao percorrer a área proposta, observou-se apenas dunas com vegetação nativa e sem benfeitorias. Observou-se também que não aconteceram novas ocupações, terminando o levantamento com o número de 24 laudos vistoriados (devido a exclusão do Dr. Cláudio), os quais ocupam 281,2 ha da terra indígena ora identificada e delimitada.

Os ocupantes que constam do levantamento fundiário, conforme localidade da ocupação são os seguintes: 1) na localidade Lagoa da Encantada: Antonio Ferreira Sales, Antonio Nildo Gomes Alves, Assis, David, Vicente Brás da Silva (herdeiros), Fernando Macêdo, Francisco Gomes Alves, João Nepomuceno de Melo, Josias Costa da Silva, Luis Costa da Silva, Manoel Costa Filho, Manoel do Carmo Alves, Valdécio Vieira, Vando, Vanuza Costa da Silva, Vitor Bezerra Gurgel, Ypioca; 2) na localidade Trairussú: Manoel Mota da Silva (herdeiros), Martinho da Silva Costa (herdeiros), Fábio, Joaquim Clemente da Silva, Juvêncio Luiz da Silva; 3) na localidade Lagoa do Tapuio: José Ribamar Alves da Costa, Sebastião Alves da Silva. Dentre as 24 ocupações levantadas, 23 foram caracterizadas como "posse" e uma sem definição; o levantamento indica que 11 ocupantes residem nos imóveis cadastrados, e 13 não estabeleceram ocupação efetiva. Das 24 ocupações levantadas, sete apresentaram área total menor ou igual a 1,0 hectare; seis ocupações apresentaram áreas com extensão entre 1,01 e 3,00 hectares; uma ocupação tem 6,0 hectares; oito ocupações têm áreas entre 10,0 e 20,0 hectares; uma ocupação tem área de 30,50 hectares e uma ocupação tem 118 hectares.

VII - CONCLUSÃO E DELIMITAÇÃO - O levantamento que efetuamos para a realização deste relatório proporcionou o acesso a interessantes documentos sobre a Vila de Aquiraz e hoje o município de Aquiraz que, julgamos importantes para serem destacados nas nossas considerações finais.

Menezes, em 1814, por exemplo, aponta: "Villa do Aquiraz...egreja(...) e a dos extintos Jesuítas. A leste, em distância de sete legoas, fica a povoação do Cascavel, donde em 1660 o grande Padre Antonio Vieira tinha estabelecido nove ou dez missões de diversas nações até Canindé, quasi vinte legoas para oeste; cuja povoação além de compreender mais de 463 moradores, e ser mui comerciante e mimosa, se faz por isso certamente digna de ser creada Villa. A outras sete legoas de distancia para o sul está a povoação dos índios Payacús de Monte-Mor o Velho, que não deixão de ser industriosos pelas excellentes esteiras que fazem. Tem 3 companhias milicianas e seis de ordenanças; e uma excelente e forte cadia principia, que depois de concluida, não só é a melhor, mas a mais segura da capitania..." (pp. 43/44)

Destacamos a presença de missionários Jesuítas junto ao grupo indígena e, provavelmente, a própria Lagoa Encantada pode ter sido um refúgio para um povo perseguido, pois o que observamos que a localidade era de difícil acesso. Só, os que sabiam o caminho chegavam lá. Percebemos claramente, que os índios aqui estudados permaneceram vivendo em união formando "uma só família", na Lagoa da Encantada, "mesmo tendo passado por idêntica experiência de séculos de contato com a população não-indígena e intensa participação na vida regional". (Hobenthal 1960; Amorim 1970; Moonen 1973; Dantas e Dallari 1980; Carvalho 1982; Sampaio 1986 in Porto Alegre, 1992:5)

Constatamos que os índios do município de Aquiraz participaram da construção da Igreja Matriz de São José de Ribamar: "Construída no início do século XVIII. As suas paredes medem 01 metro de espessura, são de pedra e foram erguidas por índios catequizados pelos Jesuítas". Há ruínas do Hospício dos Jesuítas. Confirmamos que "os padres da Companhia de Jesus viveram em Aquiraz trinta e dois anos seguidos: desde princípio de 1727 até fevereiro de 1760". (Aquino, 1996:11-15)

A própria Constituição do Estado do Ceará reconhece os índios Jenipapo Kanindé. Na Lei Orgânica do Município de Aquiraz aponta a presença indígena e ainda apresenta disposições em favor dos índios, incluindo os Jenipapo Kanindé como originários do município de Aquiraz/CE.

Antes dos Jenipapo Kanindé resolverem assumir sua identidade étnica publicamente, a Arquidiocese de Fortaleza, já estava desenvolvendo trabalhos comunitários na região. Os regionais já os reconheciam como grupo diferenciado. Foi o que demonstrou a Presidente da Associação dos Moradores do Batoque, Maria Odete Carvalho Martins em 1980: "que a comunidade de Lagoa da Encantada é Povo que sobrevive da terra, pesca e tem origem indígena", apoiando a luta deles para que seja demarcada sua terra. A Associação Comunitária de Trairussú, Encantada e Tapuio que foi fundada em 07/01/91 também já os reconhecia e os apoiava: "A Associação tem compromisso com a causa Indígena e dá total apoio a tribo Jenipapo Kanindé, localizada na Lagoa Encantada, que tem como Cacique e lideira Maria de Lourdes da Conceição Alves - Pequena". Também, o Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável - CMDS (Aquiraz), através de abaixo-assinado em 24/10/95 manifestou "apoio à luta dos índios Jenipapo-Kanindé".

Ao contrário do que se pensa, a definição das fronteiras, dos limites do território, não se dá apenas por critérios objetivos como a definição de suas coordenadas geográficas. Para Mesquita (1995), por exemplo, "A maioria da humanidade vive-a, mas não tem uma consciência clara de sua territorialidade. Ao contrário, ela é ambígua e nem sempre assume limites visíveis no território concreto e nem contornos bem definidos nos sentimentos dos indivíduos e dos grupos". (1995: 76).

Reassaltando o sentido do termo território, Bezerra e Sousa afirmam, a partir de Meillassoux, que o território seria "o espaço reconhecido, reivindicado pelo grupo e objeto de suas atividades extrativas - caça, pesca, colheita". (Meillassoux, 1964:249 apud Carvalho, 1984:169 in Bezerra e Sousa, 1996:22) Esta também foi nossa visão, durante as primeiras pesquisas e um dos motivos de programarmos algumas reuniões com a comunidade até que definiram um espaço de perambulação comum do grupo e uma proposta de território.

Sempre que perguntávamos sobre os limites da TI, os índios informavam as referências dos marcos conhecidos como: "vai do Morro do Urubu até o Cara-Cará da Lagoa da Encantada até a Pindoretama". Todas as informações se referiam às propriedades individuais que pertencem aos troncos velhos (as famílias), herança hoje das novas gerações. Outro índio conhecido como Quinha fez referência às "extremas com os Costas e o engancho dos dois riachos, que é a lavada do Trairussú com a levada da Encantada, a família dos Mendes no Riacho". E outro índio conhecido por Calileque, acrescentou "as extremas com os Henrique Jorge, Betinho e com os Albuquerque. Os confinantes do Tapuio e o confinante daqui do Riacho com o Morro "Carvo" (Calvo) até a margem do Tapuio extremado com as Bazias". O senhor José Alves da Silva de 72 anos indicou que "as terras dos Riacheiros extrema no meio do Tapuio, finado Mingote, Rufino, avó do Osmar. No Tapuio extrema com o Urubu, a terra que foi comprada pela família Alves".

Após algumas reuniões, chegou-se a proposta que foi por nós identificada em 1998 e concluída em 2002. Os pontos percorridos foram: Lagoa Encantada, Trairussú, Riacho das Bazias, volta da Encantada, Riacho do Trairussú, gancho dos Riachos da Encantada e Trairussú, gancho do Marisco com o Trairussú. Segundo as informações dos índios, estavam dentro deste perímetro, entre outros, os ocupantes não-índigenas: a YPIOCA, Fernando Macedo, Pequena Cazuzão, Ciro Costa, Espanhol, Antônio Sales, M. Dias Branco e Ricardo Martins.

O território indígena está localizado em uma área litorânea, do município de Aquiraz, é cobiçado por grandes empresários, que se fizeram presente após a nossa ausência, provocando conflitos e insegurança na comunidade.

O interesse do "estrangeiro" (o não-índio) por esta terra tornou uma situação cada vez mais complicada, provocando denúncias por parte da comunidade, pois estaria passando por ameaças de agressões. Entre as denúncias estariam "desmatando nossa mata, derrubando os mangues e fazendo loteamento". Entre as denúncias, há referências ao empresário Francisco Ivens Dias Branco, que estaria desenvolvendo o Projeto Aquiraz Resort para construção de uma rede de 15 hotéis.

Em 07/12/98 aconteceu uma Audiência Pública sobre o Empreendimento Aquiraz Resort, e em janeiro de 1999, foi publicada uma Portaria do Presidente Substituto da FUNAI, de número 006 de 07/01/99 que estabelecia a restrição ao direito de ingresso, locomoção e permanência de pessoas estranhas aos quadros da FUNAI na Terra Indígena Lagoa Encantada.

A Terra Indígena Lagoa Encantada tem como superfície 1.731ha e perímetro de 20km, aproximadamente. Esta proposta garante os aspectos fundamentais para a sobrevivência étnica dos índios Jenipapo Kanindé, como por exemplo, as Lagoas da Encantada, do Tapuio, do Marisco, Morro Calvo, Morro do Urubu.

Estes índios vivem fundamentalmente da pesca, da coleta do caranguejo, siri, camarão; além de estas atividades representarem a base da alimentação dos Jenipapo-Kanindé, são a sua fonte de renda e alimentação. Garantir o direito territorial destes índios é preservar as lagoas da Encantada, do Tapuio, do Marisco, o Riacho do Trairussú. Reconhecer a herança de seus antepassados é garantir uma vida melhor às futuras gerações.

Concluímos que a Terra Indígena Lagoa Encantada, reivindicada pela comunidade indígena Jenipapo Kanindé, é tradicional de ocupação do povo que nela habita. A proposta é viável, tem a concordância dos índios, garante a sobrevivência étnica, preservando aspectos físicos e culturais e está de acordo com que se estabelecem os preceitos constitucionais.

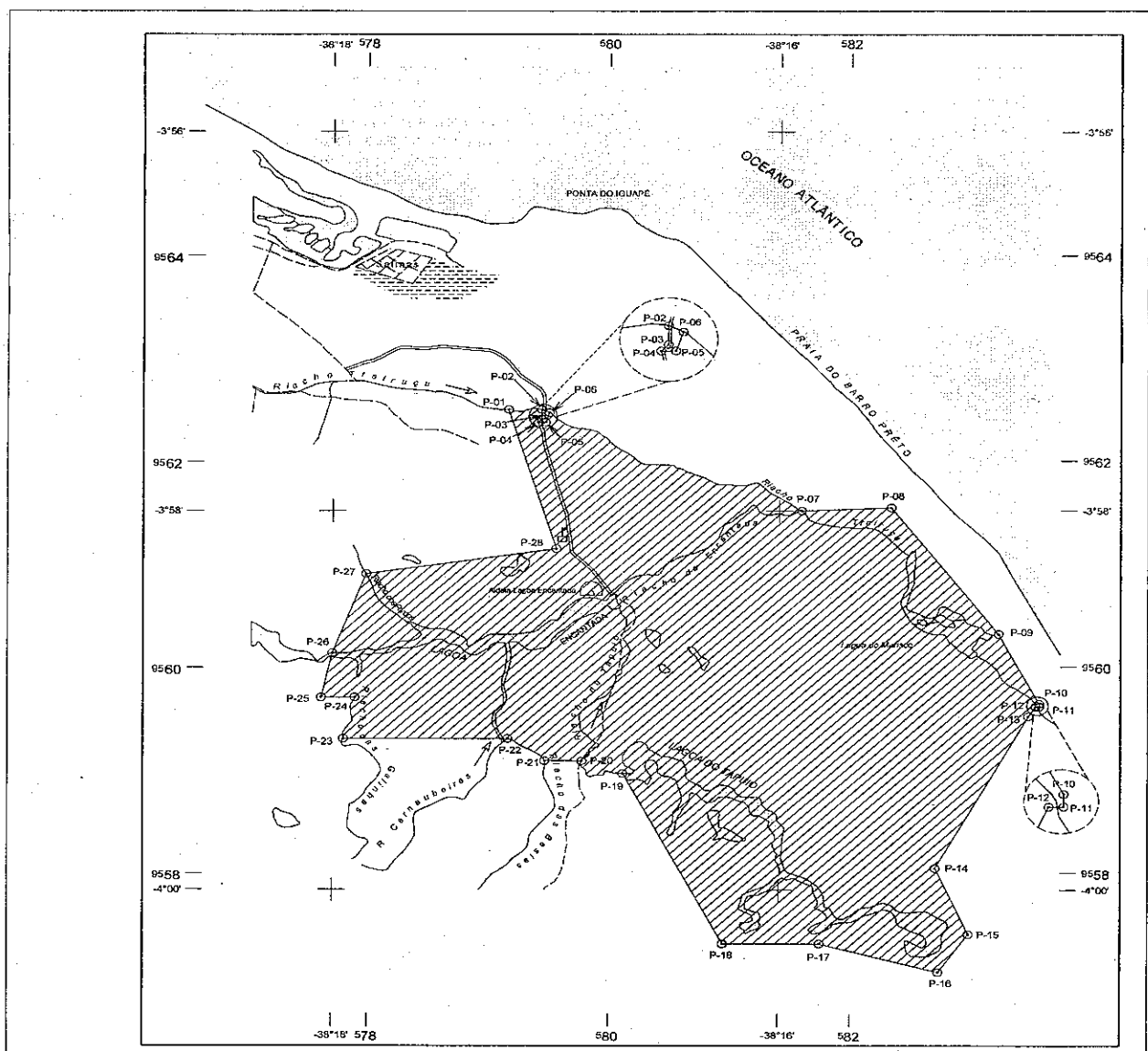
MARIA DE FATIMA CAMPELO BRITO

MEMORIAL DESCRITIVO - DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

NORTE: partindo do ponto 01, de coordenadas geográficas aproximadas 03°57'28" S e 38°17'13" WGr., localizado na margem direita do Riacho Trairucu, segue por este, a jusante, até o ponto 02, de coordenadas geográficas aproximadas 03°57'28" S e 38°17'04" WGr., localizado junto a ponte sobre o Riacho Trairucu, no bordo direito da estrada vicinal que segue para a Lagoa Encantada; daí, segue por esta até o ponto 03, de coordenadas geográficas aproximadas 03°57'31" S e 38°17'04" WGr., localizado na curva desta estrada; daí, segue pela mesma até o ponto 04, de coordenadas geográficas aproximadas 03°57'32" S e 38°17'05" WGr.; daí, atravessa esta estrada e segue por uma cerca de arame farpado, confrontando com a propriedade do Dr. Cláudio, até o ponto 05, de coordenadas geográficas aproximadas 03°57'32" S e 38°17'03" WGr., localizado em um canto de cerca; daí, segue pela mesma, confrontando ainda com a propriedade do Dr. Cláudio, até o ponto 06, de coordenadas geográficas aproximadas 03°57'29" S e 38°17'02" WGr., localizado na margem direita do Riacho Trairucu; daí, segue por este, a jusante, até o ponto 07, de coordenadas geográficas aproximadas 03°58'00" S e 38°15'54" WGr., localizado na confluência com o Riacho da Encantada; daí, segue por uma linha seca até o ponto 08, de coordenadas geográficas aproximadas 03°57'59" S e 38°15'30" WGr., localizado na Praia do Barro Preto, no lugar denominado de Peixe Podre. **LESTE:** do ponto antes descrito, segue por uma linha seca até o ponto 09, de coordenadas geográficas aproximadas 03°58'39" S e 38°15'01"

WGr., localizado nas margens do Lago do Marisco; daí, segue por uma linha seca até o ponto 10, de coordenadas geográficas aproximadas 03°59'01" S e 38°14'50" WGr.; localizado no canto de uma cerca de arame farpado; daí, segue por esta até o ponto 11, de coordenadas geográficas aproximadas 03°59'02" S e 38°14'50" WGr., localizado em outro canto da mesma cerca; daí, segue por esta até o ponto 12, de coordenadas geográficas aproximadas 03°59'02" S e 38°14'51" WGr., localizado em outro canto desta cerca; daí, segue por esta até o ponto 13, de coordenadas geográficas aproximadas 03°59'05" S e 38°14'53" WGr.; localizado junto a um marco de cimento; daí, segue por uma linha seca até o ponto 14, de coordenadas geográficas aproximadas 03°59'53" S e 38°15'18" WGr., localizado no topo do Morro Calvo; daí, segue por uma linha seca até o ponto 15, de coordenadas geográficas aproximadas 04°00'14" S e 38°15'09" WGr.; daí, segue por uma linha seca até o ponto 16, de coordenadas geográficas aproximadas 04°00'26" S e 38°15'17" WGr. SUL: do ponto antes descrito, segue por uma linha seca até o ponto 17, de coordenadas geográficas aproximadas 04°00'17" S e 38°15'49" WGr., daí, segue por uma linha seca até o ponto 18, de coordenadas geográficas aproximadas 04°00'17" S e 38°16'15" WGr.; daí, segue por uma linha seca até o ponto 19, de coordenadas geográficas aproximadas 03°59'23" S e 38°16'42" WGr., localizado na nascente do Riacho do Tapuio; daí, segue pela sua margem direita, a jusante, até o ponto 20, de coordenadas geográficas aproximadas 03°59'19" S e 38°16'53" WGr., localizado junto ao caminho que segue para a Lagoa

Encantada; daí, segue por uma linha seca até o ponto 21, de coordenadas geográficas aproximadas 03°59'19" S e 38°17'03" WGr., localizado na margem direita do Riacho das Basias; daí, segue por este, a jusante, até o ponto 22, de coordenadas geográficas aproximadas 03°59'12" S e 38°17'13" WGr., localizado na confluência com o Riacho das Carnaubeiras; daí, segue por uma linha seca até o ponto 23, de coordenadas geográficas aproximadas 03°59'12" S e 38°17'57" WGr., localizado na margem direita do Riacho das Galinhas. OESTE: do ponto antes descrito, segue pela margem direita do Riacho das Galinhas, a jusante, até o ponto 24, de coordenadas geográficas aproximadas 03°58'59" S e 38°17'54" WGr.; daí, segue por uma linha seca até o ponto 25, de coordenadas geográficas aproximadas 03°58'59" S e 38°18'03" WGr.; daí, segue por uma linha seca até o ponto 26, de coordenadas geográficas aproximadas 03°58'45" S e 38°18'00" WGr., localizado na margem esquerda da Lagoa Encantada; daí, segue por uma cerca de arame farpado até o ponto 27, de coordenadas geográficas aproximadas 03°58'20" S e 38°17'51" WGr., localizado em um canto de cerca, na margem direita do Riacho dos Porcos; daí, segue por uma linha seca até o ponto 28, de coordenadas geográficas aproximadas 03°58'12" S e 38°17'00" WGr., localizado junto a uma cerca de arame farpado; daí, segue por esta cerca até o ponto 01, início da descrição deste perímetro. OBS: Base cartográfica utilizada na elaboração deste memorial descritivo: SA.24-Z-C-V-3-I - Escala 1: 20.000 - INCRA/GEOFOTO - 1976. Responsável Técnico Identificação dos Limites: Renato Eduardo Pereira D'Alencar, Engenheiro Agrimensor, CREA-DF 4.210/D, FUNAI/UNESCO.



- SINAIS CONVENCIONAIS**
- TERRA INDÍGENA DELIMITADA
 - POSTO INDÍGENA, CAMPO DE POUZO
 - ALDEIA INDÍGENA, MALOCA INDÍGENA
 - MARCO DE DÍVISA, PONTO DE SATELITE
 - PONTO DIGITALIZADO, DIREÇÃO DE CORRENTE
 - PLACA INDICATIVA, CERCA DE ARAME
 - RODOVIA DE REVESTIMENTO SÓLIDO
 - RODOVIA TRANSITÁVEL O ANO TODO
 - RODOVIA TRANSITÁVEL EM TEMPO BOM, CAMINHO
 - RIO PERMANENTE, RIO INTERMITENTE
 - LAGO OU LAGOA, TERRENO SUJEITO A INUNDAÇÃO
 - LIMITE ESTADUAL, LIMITE MUNICIPAL

<p>MINISTÉRIO DA JUSTIÇA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF</p>			
DENOMINAÇÃO: TERRA INDÍGENA LAGOA ENCANTADA		PLANTA: DELIMITAÇÃO	
MUNICÍPIO: AQUIRAZ		SUPERFÍCIE: 1.731 ha	PERÍMETRO: 20 Km
ESTADO: CEARÁ		ESCALA: 1:45.000	DATA: 02/09/2002
Cidade: JOÃO PESSOA		PROGRESSO: 2670/98	BASE CARTOGRÁFICA: SA.24-Z-C-V-3-I
TECNICO RESPONSÁVEL PELA IDENTIFICAÇÃO DOS LIMITES	TECNICO RESPONSÁVEL PELA IDENTIFICAÇÃO DOS LIMITES	DESAF. P. C. G. E. B. U. D. U.	PORTA Nº DO T.
MARIA DE FÁTIMA CAIBIRO DUTRA ANTROPÓLOGA - ARQUITETA	RENATO EDUARDO P. D'ALENCAR ENGENHEIRO AGRIMENSOR CREA-DF 4210/D	MANOEL FRANCISCO COLOMBO ENGENHEIRO AGRIMENSOR CREA-DF 4210/D	100049667